

A REVOLTA SÍCULA DE DUCÉCIO: UM PROJETO TIRÂNICO OU UM MOVIMENTO EMANCIPATÓRIO?

THE SICEL REVOLT OF DUCETIUS (461-440 BC): A TYRANNICAL PROJECT OR AN EMANCIPATORY MOVEMENT?

Leonardo Viola¹

Resumo: A revolta de Ducécio contém várias facetas e nuances, fruto de um contexto social e político complexo na Sicília que, no final da primeira metade do século V a.C, passava por uma série de mudanças sociais, envolvendo também os sículos, povo nativo da ilha que irrompeu na história com a ascensão de Ducécio, após um longo processo de contato cultural com os gregos,. O objetivo deste artigo é compreender a ação ou as ações de Ducécio enquanto líder, analisando se as práticas do movimento que encabeçou, tem as características de uma tirania tipicamente grega, na qual buscava a hegemonia política, ou se havia nele e nos sículos um real desejo de autonomia.

Palavras-chave: Ducécio; sículos; tirano; helenização; Diodoro.

Abstract: Ducetius' revolt contains several facets and nuances, the result of a complex social and political context in Sicily, which, at the end of the first half of the 5th century BC, was undergoing a series of social changes, also involving the sicels, the island's native people who burst into history with the accession of Ducetius, after a long process of cultural contact with the Greeks. The purpose of this article is to understand the action or actions of Ducetius as a leader, analyzing whether the practices of the movement he led have the characteristics of a typically Greek tyranny, in which he sought

¹ Graduando no curso de História (Licenciatura) pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E-mail para contato: 122111999@gmail.com. É orientado pela Professora de história antiga e medieval da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Orientadora da iniciação científica sobre a revolta de Ducécio segundo Diodoro Sículo. E-mail: adriana.mocelim@pucpr.br.

political hegemony, or if there was a real in him and in the sicels. desire for autonomy.

Keywords: Ducetius; sicels; tyrant; hellenization; Diodorus.

Introdução

O presente artigo, primeiramente, empregou como metodologia a análise das referências bibliográficas e das fontes ligadas aos séculos, como Tucídides e Antíoco de Siracusa, visando compreender a organização política e social dessa população autóctone da Sicília, para posteriormente analisar melhor a personagem de Ducécio. Em seguida buscou-se dados biográficos sobre a vida de Ducécio antes de iniciar suas ações políticas e militares, seguindo a fonte utilizada ao longo de toda a pesquisa, a Biblioteca Histórica de Diodoro de Sicília. A partir da organização social e política dos séculos e da vida de Ducécio anterior às suas ações, buscou-se pontos de contato com a realidade política de Ducécio nas relações entre as elites sículas e a influência do mundo grego, a fim de entender como os séculos absorveram muitos aspectos das cidades gregas da Sicília.

Após, referências foram estudadas e lidas para analisar cada uma das fases das ações de Ducécio (461-450 e 448-440 a.C), iniciando com aquelas ligadas à conquista de Etna, a aliança com Siracusa e a política da fundação de cidades (*oikistes*). Dentro do estudo relativo à primeira fase, verificou-se também a fundação de Menaion, a conquista de Morgantina, a política de distribuição de terras, a formação da *synteleia* ou confederação sícula, a formação de um exército sículo, a fundação de Paliké e sua implicação no âmbito do poder político de Ducécio, e o final da primeira fase com a vitória em Motyon e a derrota em Nomai. Em cada uma dessas partes, destaca-se a

falta de unidade política dos séculos. A segunda fase foi analisada na parte seguinte da pesquisa, com a fundação de Kalé Akté e a morte de Ducécio.

Prosseguiu-se com uma investigação acerca dos termos utilizados pela fonte, Diodoro, para definir de que forma o autor apresenta o papel político de Ducécio. Essa análise, tendo como base o texto original grego, foi de suma importância para compreender o líder século dentro de seu contexto e de suas ações. Analisando-se os vocábulos empregados por Diodoro, fez-se uma comparação entre os termos usados para definir os tiranos gregos e os termos para definir Ducécio, buscando-se não apenas um paralelo na ação política, mas também na parte etimológica.

A fonte utilizada na pesquisa, como dito acima, é a obra do autor grego Diodoro de Sicília, a Biblioteca Histórica, composta por 40 livros. Dentre todos os livros, os que majoritariamente interessam o tema da pesquisa são as partes dos livros XI e XII, onde estão narrados os fatos que envolvem Ducécio, e todo o contexto social e político da Sicília durante o século V a.C. É importante ressaltar que Diodoro escreveu sua obra no século I a.C, sendo um autor do período final da República romana. Tendo em vista o exposto acima, o presente artigo gravita em torno da pergunta: A ação de Ducécio é apresentada pelo autor como sendo um movimento emancipatório contra os gregos ou foi um projeto político e militar do próprio Ducécio, que visava instaurar uma tirania nos moldes da grega?

Ducécio e a realidade sícula

Ducécio aparece na história da Sicília durante um contexto cultural e, sobretudo político, que se inicia com o fim das tiranias das principais cidades gregas, como Siracusa e Akragas (466 a.C). A única fonte antiga que narra a

história de Ducécio é Diodoro Sículo (CHISOLI, 1993: 21) e, do ponto de vista biográfico, o autor de Agírio (Biblioteca Histórica, XI, 88, 6) cita a cidade natal de Ducécio como Menai (*Μέναις*), geralmente identificada como a atual cidade de Mineo (ASHERI, 1992: 161). Diodoro também descreve Ducécio como um homem de uma família muito importante (*ὄνομασμένος τό γένος*) e influente naquele período (Biblioteca Histórica, XI, 78, 5). Outro dado que pode ser intuído na obra de Diodoro, pelo fato de Ducécio ter ido até Siracusa e até Corinto (Biblioteca Histórica, XI, 92 e XII, 8, 1), é que o líder sículo não apenas era familiarizado com os costumes gregos, mas também falava grego (JACKMAN, 2006: 39).

Esse dado é relevante dos pontos de vista cultural e social, pois os séculos, em especial suas *élites* militares, passaram, ao longo do período da colonização grega, por um processo de helenização mostrado não apenas pela adoção do alfabeto como forma de prestígio das *élites* locais (TRIBULATO, 2015: 78), mas também pela “hierarquização social que permitiu o surgimento de uma aristocracia suficientemente helenizada militarmente, podendo ser capaz de uma “revolta” à maneira daquela de Ducécio” (PÉRE-NOGUÈS, 2012: 164) ². Esse processo pode ser encontrado, também, no “guerreiro de Castiglione”, onde um líder sículo do século VI a.C é representado com elementos da Grécia arcaica (LA TORRE, 2011: 75).

² “Hiérarchisation sociale et en permettant l’émergence d’une aristocratie suffisamment hellénisée sur le plan militaire pour être capable de mener une ‘revolte’ du type de celle de Doukétios” (PÉRE-NOGUES, 2012: 164).

A existência de um regime monárquico entre os séculos é amplamente exposta pelos autores gregos. Antíoco de Siracusa (FHG, Antioco, fragm. 3) cita um rei chamado Sículo que, misturado com os Morgetes e os Ítalos, formou os Enótrios; Tucídides (Histórias, VI, 2, 4-6) fala de um rei sículo chamado Ítalo, que deu nome à Itália; e também descreve o rei Hiblon, que cedeu aos gregos o território da futura colônia Megara Hibleia (TUCÍDIDES, Histórias, VI, 4, 1). Segundo De Vido (1997: 9) nessas narrativas gregas havia uma tentativa não apenas de dar uma explicação ao nome dos séculos, mas também a intenção de, através da representação monárquica, colocar os séculos em um estágio “primitivo.” Já Jackman (2006: 41) justifica essa visão grega de uma unidade sícula pela ignorância ou falta de interesse por parte dos helenos.

De Vido (1997: 10) afirma também que, se por um lado os séculos podiam ter chegado até a Sicília de forma homogênea, durante o século V a.C a realidade política era muito mais fragmentada, com várias pequenas comunidades, ideia corroborada por Jackman (2006: 40), ao afirmar que “os próprios séculos nunca foram totalmente unificados”³. Essa fragmentação, atestada também pelas variadas formas de escrita apresentadas pelos séculos em diferentes áreas (AGOSTINIANI, 2012: 144), também é um importante dado a respeito do movimento de Ducécio, como se verá a seguir. Porém, se por um lado havia fragmentação política, por outro, cada cidade sícula possuía, conforme atestam as escavações de necrópolis em Menai e Morgantina, por exemplo, ou inscrições como em Mendolito, uma *élite*

³ “The Sicel themselves were not totally unified” (JACKMAN, 2006: 40).

centralizada ou uma “potencial dinastia entre alguns grupos sículos, e uma sociedade aristocrática” (JACKMAN, 2006: 38)⁴. Tal fato explica o pertencimento de Ducécio, como visto acima, a uma família importante.

Ducécio pode ser definido, portanto, como um século helenizado, de tal modo que, conforme Asheri (1992: 165), os modelos ou inspirações de Ducécio não foram Cócalo ou Hiblon (reis sículos), mas os tiranos Gélon e Hiéron. Já Bellino (2014: 60) afirma que “Ducécio, apesar da forte helenização dos sículos, era ainda um líder tribal que, para poder unir as diferentes tribos sob uma única bandeira, tinha necessidade de obter grandes sucessos militares”⁵.

A primeira fase da ação de Ducécio (461-450 a.C)

Os aproximadamente 20 anos que viram os sículos e seu líder como principais agentes históricos da Sicília, foram precedidos pelas ações de Hiéron de Siracusa, dividindo-se, segundo Péré-Noguès (2012: 157), em 2 fases: Na primeira fase, que vai de 461 até 450 a.C, a ação de Ducécio nasce, tem seu auge e sua queda, com o exílio em Corinto; a segunda fase, de 448 até 439 a.C, é marcada pelo retorno de Ducécio, a fundação de Kalé Akté e sua morte. Adamesteanu (1962) chamou o período de “o momento de Ducécio”.

⁴ “Potential dynasty among some Sicel groups, and an aristocratic society” (JACKMAN, 2006: 38).

⁵ “Ducezio, nonostante la forte ellenizzazione dei Siculi, era comunque un lider tribale che, per poter unire le diverse tribù sotto un’unica bandiera, aveva bisogno di importanti successi militari” (BELLINO, 2014: 60).

Ainda no auge do período tirânico, em 476 a.C Hiéron havia retirado os habitantes jônios das cidades de Catania e de Naxos (mudando-os para Leontini) e repovoando-as com colonos dórios, vindos tanto de Siracusa quanto do Peloponeso, refundando a cidade de Catania com o nome de Etna (DEL OLMO, 2007: 118). A refundação da cidade foi também justificada, segundo Agostinetti (2012: 321), por uma erupção do vulcão Etna, que destruiu parte do território. Com o repovoamento houve uma redistribuição das terras para os novos moradores e, nesse processo, foram retiradas as terras dos habitantes sículos daquela região (ASHERI, 1992: 150). Esse foi o motivo que, anos mais tarde, teria desencadeado a revolta de Ducécio.

Entretanto, no momento em que a revolta de Ducécio iniciou, os sículos eram aliados de Siracusa. Isso se explica, segundo Asheri (1992: 157), pela queda da tirania naquela cidade, quando o *demos* siracusano, buscando derrubar o tirano Trasíbulo, recorreu a uma aliança com os sículos, mas também com as demais cidades que haviam derrubado as tiranias locais no mesmo período, como Akragas, Gela e Himera. Contudo, a cidade de Etna, refundada por Hiéron, permaneceu fiel ao modelo tirânico, graças aos mercenários que ali residiam (PÉRÉ-NOGUÈS, 2012: 158).

É nesse momento que Ducécio é citado pela primeira vez por Diodoro (Biblioteca Histórica, XI, 76, 3). O relato do autor de Agírio mostra como Ducécio, já descontente com a tomada das terras por Etna, marchou contra esta cidade e tomou-a, graças também ao auxílio de tropas de Siracusa, que tinha a intenção de expulsar os mercenários favoráveis aos tiranos. A conquista de Etna ocorreu após uma série de curtas batalhas, o que mostra o exército sículo baseado na guerrilha (BELLINO, 2014: 58). Por fim, os

mercenários acabaram fugindo para a cidade sícula de Inessa, renomeando-a com o mesmo nome de Etna (JACKMAN, 2006: 36).

No mesmo capítulo, Diodoro fala sobre como os sículos, em acordo com a Siracusa democrática, repartiram o território, havendo, também, o retorno dos antigos moradores jônios de Catania, que retomou seu antigo nome. Essa primeira boa relação com Siracusa é explicada por Asheri (1992) como uma ilusão por parte da principal classe política da Siracusa democrática (chamados de *χαριέστατοι* ou moderados), por verem em Ducécio alguém manipulável e que atenderia aos seus interesses. Já Del Olmo (2007: 119) destaca que os *χαριέστατοι* viam com bons olhos as boas relações com os sículos, principalmente dos pontos de vista econômico e de posse das terras.

Depois da tomada de Etna, Ducécio funda Menaion (*Μέναϊνον*), em 459 a.C, e, assim como fez em Etna, dividiu o território entre os moradores (Biblioteca Histórica, XI, 78, 5). Menaion pode ser identificada com Menai, cidade natal de Ducécio, sendo, portanto, uma refundação (ADAMESTEANU, 1962: 174), bem como pode ter ocorrido uma ampliação do espaço urbano e posterior transferência da cidade (Biblioteca Histórica, XI, 88, 6), o que é visto por Asheri (1992: 161) como um exemplo de sinecismo⁶. Nesse ponto entra um elemento importante, que é a figura do oikistes. Desde o período da colonização, o *oikistes* era encarregado da fundação ou refundação de cidades, tendo cargos políticos e religiosos, sendo

⁶ Segundo a definição de Kosmetatou (2012), sinecismo é a criação de uma única grande comunidade através da junção de outras menores.

a mesma estratégia de poder usada pelos tiranos, como o próprio Hiéron (DEL OLMO, 2008: 48).

Para além dessa ação de *oikistes*, vista por Hora (2018: 158) como adoção de práticas usadas pelos tiranos por parte de Ducécio, há a questão relativa à distribuição das terras, levantada por Péré-Noguès (2012). Tanto nessa quanto nas demais fundações de Ducécio, o elemento da distribuição de terras aparece. Assim, “pode-se supor que toda a ação do líder sículo foi condicionada por uma forte pressão demográfica e, conseqüentemente, uma forte pressão sobre a redistribuição das terras, fenômeno que foi, sem dúvida, a origem do movimento” (PÉRE-NOGUÈS, 2012: 161)⁷. A questão da terra é vista por De Vido (1997: 13) como parte da experiência histórica dos sículos, marcada pela perene tensão entre o espaço urbano e o espaço territorial. Ducécio também, no mesmo contexto, iniciou uma organização voltada para elementos simbólicos. Parte desses elementos era representada pela cunhagem de moedas de prata, encontradas nas localidades de Longane, Abaceno, Henna, Morgantina e Galaria, que Ducécio utilizou para expressar elementos iconográficos também presentes nas colônias gregas, como a colocação do nome da cidade (CALTABIANO, 1996: 301).

Depois de fundar Menaion, no mesmo período, Ducécio conquista Morgantina, o que lhe conferiu grande fama (*δόξα*) entre os sículos, pois era, nas palavras do próprio Diodoro (Biblioteca Histórica, XI, 78, 5), uma cidade

⁷ “On peut supposer que toute l’action du leader sikèle fut conditionnée par une forte pression démographique, et par consequent une forte pression sur la redistribution des terres, phénomène qui fuit sans doute à l’origine du mouvement” (PÉRE-NOGUÈS, 2012: 161).

importante (πόλις αζιόλογος). Por ser uma cidade extremamente helenizada, mesmo com a maioria da população sendo sícula, além de uma minoria de jônios e dórios, Morgantina relutou em fazer parte do movimento sículo (mostrando, novamente, a falta de unidade dos séculos), o que fez com que Ducécio a tomasse à força (ASHERI, 1992: 162). Essa não foi apenas a primeira ação ofensiva de Ducécio, o que legitimou seu poder, mas também foi inédita para os séculos que, pela primeira vez em sua história realizaram uma expedição de conquista (PÉRE-NOGUÈS, 2012: 160). Também observa-se que, mesmo estando Morgantina situada na área de influência de Siracusa, esta não interferiu na ação de Ducécio, pois, segundo Bellino (2014: 60), Morgantina havia acolhido parte dos mercenários derrotados em Etna, assim, “os siracusanos aceitaram o expansionismo sículo como preço a pagar pela eliminação daquele que era considerado seu verdadeiro obstáculo [os mercenários]”⁸.

Com a tomada de Morgantina observa-se também o crescimento de um componente étnico dentro do movimento sículo (DEL OLMO, 2007: 123), criando o que Finley (1985: 76) chama de “movimento nacional”. O crescimento do identitarismo étnico dos séculos é explicado por Procelli (2003 *apud* PÉRE-NOGUÈS, 2012: 164) como “a passagem da identidade vivida para a identidade autoconsciente”⁹. Esse sentimento identitário, entretanto, como será visto abaixo com a não adesão de Hibla para participar

⁸ “I Siracusani accettarono l’espansionismo siculo come prezzo da pagare per l’eliminazione di quella che consideravano una vera e propria spina nel fianco” (BELLINO, 2014: 60).

⁹ “Il passaggio dall’identità vissuta all’identità autocosciente” (PROCELLI, 2003 *apud* PÉRE-NOGUÈS, 2012: 164).

da *synteleia*, não era unânime, já que, como dito anteriormente, os sículos eram fragmentados em pequenas comunidades autônomas; o que, para Pérénoguès (2012, p. 166), é um detalhe de uma realidade social mais complexa, Diodoro, entretanto, não observou essa realidade com clareza, colocando o mundo sículo como unitário e reunido em torno de seu líder, Ducécio.

Depois de alguns anos, o movimento de Ducécio chega ao auge, graças à criação da *synteleia* (*Συντέλεια*) e a fundação de Paliké (453 a.C.). A *synteleia* foi, segundo Del Olmo (2007), a expressão máxima do identitarismo sículo, sendo descrita por Diodoro (Biblioteca Histórica, XI, 88, 6) como uma confederação de todas as cidades sículas de origem comum (*ομοεθνείς*), exceto a cidade de Hibla. Essa confederação é vista por Jackman (2006: 46) como “parecida com o modelo da confederação Pitagórica, baseada em uma aliança de várias cidades, com centro em Cróton¹⁰.” Asheri (1992: 162), ao analisar os termos *synteleia* ou *koinon*, assevera que:

Certamente, esses dois termos helenísticos, para designar uma federação, dificilmente poderiam ser usados entre os sículos do século V a.C., que teriam usado um vocábulo próprio. Os termos helenísticos implicam na existência de uma organização estatal compulsória, principalmente com propostas militares e fiscais.¹¹

O mesmo autor aponta a noção de comunidade como a razão de ser da *synteleia*. Em relação ao exército de Ducécio, Bellino (2014) vê uma

¹⁰ “Been closer to the model of the Pythagorean federation, based on a multi-state alliance centred on Croton” (JACKMAN, 2006: 46).

¹¹ “Of course, these two Hellenistic federal terms could hardly have been current among the fifth-century Sicels, who in any case would have preferred a Sicel word. The Hellenistic terms imply the existence of a compulsory state organization, mainly for military and fiscal porpoises” (ASHERI, 1992: 162).

evolução da infantaria com armamento leve e táticas similares à guerrilha (especialmente na primeira batalha contra Etna, em 461 a.C), para uma força armada que, crescida em importância após a tomada de Morgantina, foi definida por Diodoro (Biblioteca Histórica, XI, 88, 6) como um exército poderoso (*δύναμιν ἀξιόλογον*), formado após Ducécio recrutar soldados de todas as cidades da *synteleia*, que Bellino (2014: 61) calcula como aproximadamente 8000 homens. Nesse mesmo capítulo, Diodoro fala de como Ducécio, a essa altura, aspirava a uma mudança radical da situação (*νεωτέρων ὀρέγετο πραγμάτων*).

Como dito acima, após formar a *synteleia*, Ducécio fundou Paliké, em 453 a.C. A cidade tinha uma posição estratégica importante, por estar em uma área de comunicação entre a costa oriental e o norte da Sicília (PÉRE-NOGUÈS, 2012: 161). Para além desse fato, havia uma função política, por se tratar do centro administrativo ou a capital da *synteleia*. Segundo Asheri (1992: 162), havia também uma função religiosa, pois a cidade foi fundada no local do antigo santuário sículo, que pertencia às divindades dos irmãos Pálicos (localizado no lago de Naftia). Isso converteu Paliké em símbolo espiritual, sob o qual a consciência étnica dos sículos via, nos deuses locais, os seus ancestrais (DEL OLMO, 2007: 123). Havia também, na fundação de Paliké, uma reação de orgulho “nacional”, pois o culto dos irmãos Pálicos havia sido apropriado pelos tiranos, em especial Hiéron, que o adaptara para um contexto helênico (AGOSTINETTI, 2012: 326).

No relato de Diodoro (Biblioteca Histórica, XI, 89, 6), percebe-se que a importância do santuário, para além da função naturalmente religiosa, era de um ponto de refúgio para os escravos sículos que fugiam de seus senhores.

Péré-Noguès (2012) também observa que a arquitetura de Paliké, revelada em parte pela arqueologia, mostrava um elevado nível de helenização dos séculos. Mas a mesma autora também destaca que é um erro ver em Ducécio o líder que urbanizou os séculos, pois ele apenas acelerou um processo que já estava em curso. Para Del Olmo (2012: 123): “A dualidade Menaion (centro político)-Paliké (centro simbólico) funciona como referente espacial da nova sociedade sécula, e é reforçada por suas elites como amostra de adesão à causa étnica”¹².

Em 451 a.C, Ducécio conquista a antiga cidade de Inessa, rebatizada como Etna por aqueles mercenários siracusanos que ali acharam refúgio após a derrota de 461 a.C (ASHERI, 1992: 163). Essa vitória foi obtida, conforme o relato de Diodoro (Biblioteca Histórica, XI, 91, 1), quando Ducécio matou, através do engano, o governante da cidade, que Asheri (1992) identifica como sendo Dinomedes, filho de Hiéron. Péré-Noguès (2012) observa na conquista de Inessa uma tentativa, por parte de Ducécio, de isolar a cidade de Hibla.

No mesmo ano, o líder século ataca o forte militar de Akragas, chamado de Motyon. Com tal conquista, Ducécio buscava deixar mais seguro o fronte oriental de sua confederação (BELLINO, 2014: 61). Porém, foi uma declaração de guerra contra Akragas, pois Motyon era um ponto importante de controle do interior e do norte da Sicília, contra o expansionismo de Siracusa (DEL OLMO, 2007: 124). Entretanto, Langher

¹² “La dualidad Menaion (centro político)-Palike (centro simbólico) funciona, por tanto, como el referente espacial de la nueva sociedad sécula y es reforzada por sus elites como muestra de adhesión a la causa étnica” (DEL OLMO, 2007:123).

(2005: 105) destaca que “a exigência de uma frente comum prevaleceu, naquele momento, sobre o antagonismo de Akragas e Siracusa¹³.” Até o presente momento, Siracusa não havia interferido nas ações de Ducécio; não apenas pelos problemas políticos internos, mas também por campanhas externas, como a campanha empreendida contra os estruscos, e que viu a marinha siracusana ser derrotada, em um primeiro momento (Biblioteca Histórica, XI, 88, 4). Porém, com o ataque contra Motyon, encerrou-se a aliança entre os sículos e Siracusa

Ducécio, porém, conseguiu uma vitória militar importante, mas não decisiva, contra a coalisão grega, o que fez com que Siracusa depusesse e executasse seu general Bólcon, suspeitando que tivesse um acordo secreto com o líder dos sículos (Biblioteca Histórica, XI, 91, 1-2). Isso, segundo Jackman (2006: 42), demonstra uma relação de *χενία* ou amizade, entre Ducécio e alguns membros das elites de Siracusa. Para remediar a situação, porém, Siracusa nomeou um novo general que, em 450 a.C, derrotou Ducécio em Nomai, em batalha descrita por Diodoro como equilibrada e com grande número de mortos em ambos os lados. Entrementes, Akragas reconquistou Motyon e boa parte dos sículos abandonaram Ducécio, enquanto alguns conspiraram contra ele (Biblioteca Histórica, XI, 91, 3-4).

Após a derrota, Ducécio fugiu dos conspiradores sículos e foi para Siracusa. Diodoro (Biblioteca Histórica, XI, 92, 1-2) relata que o líder sículo chegou durante a noite e, prostrado diante dos altares da cidade, declarou-se súplice e ofereceu sua vida [*ἐαυτόν*] e todas as terras [*χώρᾱν*] aos

¹³ “L’esigenza di un fronte comune prevalse allora sull’antagonismo di Agrigento e Siracusa” (LANGHER, 2005: 105).

siracusanos. Em seguida, no mesmo relato, uma multidão aglomerou na praça e uma assembleia foi convocada para decidir o que fazer com Ducécio. Diodoro, por fim, fala que a multidão apoiou a decisão dos *χαριέστατοι*, e Siracusa ordenou então o exílio de Ducécio para a cidade de Corinto, dando fim à primeira fase das ações do líder sículo.

A segunda fase da ação de Ducécio (448-440 a.C)

O epílogo da história de Ducécio se inicia com seu retorno de Corinto para a Sicília com total convivência de Siracusa (ASHERI, 1992: 164), onde o líder sículo fundaria Kalé Akté (446 a.C). Diodoro (Biblioteca Histórica, XII, 8, 2) afirma que Ducécio dissimulou uma profecia recebida de um oráculo, que o incumbia de fundar uma nova cidade. O costume de se fundar uma nova cidade através de um oráculo era largamente utilizado pelos gregos, por essa razão, segundo Agostinetti (2012: 326), os coríntios respeitaram e consentiram sua volta. Há também um debate sobre qual oráculo Ducécio supostamente utilizou. Bonanno (2010: 81) fala do oráculo de Zeus em Dódona, no Epiro, onde o deus daquela região exortava o respeito pela sacralidade dos súplices; já Agostinetti (2012) não exclui o oráculo de Apolo délfico, por ser ligado à cidade de Corinto.

A nova fundação de Kalé Akté chama a atenção por não estar situada na área de ação da primeira fase (as regiões próximas a Siracusa e Catania), mas na costa do mar Tirreno, no extremo norte da Sicília, possivelmente na atual Caronia (ASHERI, 1992: 164). Segundo Del Olmo (2007: 125), havia uma pretensão de tornar a cidade uma nova Menaion. Para tal, Ducécio foi seguido por um grupo de gregos (FINLEY, 1985: 77), o que possivelmente explica uma convivência de Siracusa, pois Akragas, que aliara-se à cidade

coríntia contra Ducécio, interpretou a fundação como um plano siracusano de expandir-se para o norte, onde almejava uma área de influência (DEL, OLMO, 2007: 125). Isso pode ser comprovado no relato de Diodoro (Biblioteca Histórica, XII, 8, 3-4), onde Akragas ressentira-se com Siracusa por ter salvo a vida de Ducécio sem a ter consultado, e assim ocorreu uma guerra entre as duas cidades gregas, em que, após uma única batalha, Siracusa saiu vencedora

Além desse contingente de gregos, Ducécio também contou com a aliança de outro líder sículo, chamado Arconides, que era senhor da cidade de Herbita (*Ἀρχωνίδης ὁ τῶν Ερβιταίων δυναστεύων*), no norte da Sicília. Langher (2005: 106) identifica esses sículos setentrionais e até esse momento independentes, como os mesmos que auxiliaram os atenienses na expedição contra Siracusa, em 415 a.C. A ajuda deste líder é outra explicação, fornecida por Agostinetti (2012: 328), para a fundação de Kalé Akté. Segundo a autora, Ducécio percebeu, após a derrota em Nomai e o exílio, que não teria forças suficientes para reconquistar o território que estava sob a influência de Siracusa e, portanto, optou por um local mais seguro, que contava com a proteção dos montes Nebrodi (GIALLOMBARDO, 2005: 145), onde poderia tentar reestruturar seu movimento.

Entretanto, Diodoro (Biblioteca Histórica, XII, 29, 1-2) descreve que, após transferir habitantes para Kalé Akté e reclamar novamente seu poder, Ducécio adoeceu e faleceu, em 440 a.C. Seu movimento ainda tentou uma última resistência, com a cidade de Trinacria, que Agostinetti (2012: 329) identifica como sendo a Paliké de Ducécio. Porém a cidade sícula foi derrotada por uma Siracusa que, após a morte do líder sículo, decidiu retomar

sua política imperialista contra os séculos da Sicília oriental (ASHERI, 1992: 164).

Problemas com os termos e com as fontes de Diodoro

Para se compreender a posição política de Ducécio, construída por Diodoro em sua obra, devemos ser analisados os títulos ou termos utilizados pelo autor da fonte. Em um primeiro momento (Biblioteca Histórica, XI, 76, 3), Ducécio é chamado de chefe ou líder dos séculos (*ὁ τῶν Σικελῶν ἡγεμών*); posteriormente (Biblioteca Histórica, XI, 78, 5), Diodoro fala de Ducécio como rei dos séculos (*ὁ τῶν Σικελῶν βασιλεύς*), especificamente após ele fundar Menaion; há também, nas partes subsequentes da obra (Biblioteca Histórica, XI, 88, 6), outro termo para designar chefe ou líder (*ὁ τῶν Σικελῶν ἀφηγούμενος*). Já no outro livro (Biblioteca Histórica, XII, 8, 1), Ducécio é definido como senhor ou soberano dos séculos (*δυνάστην τῶν Σικελῶν*). Estes termos estão conectados a alguns fatores. Chisoli (1993: 22) coloca o problema como essencialmente das fontes utilizadas por Diodoro. Onde foram colocados os termos “*ἡγεμών*” ou “*ἀφηγούμενος*”, o autor de Agírio teria utilizado Timeu de Taormina, e nos termos “*βασιλεύς*” e “*δυνάστην*”, Diodoro teria utilizado Éforo de Cumas.

Diodoro também utiliza aqueles termos para definir alguns tiranos, como Hiéron (Biblioteca Histórica, XI, 66, 1), que é retratado como rei dos siracusanos (*Τέρων ὁ τῶν Συρακοσίων βασιλεύς*), ou Téron (Biblioteca Histórica, XI, 53, 1), chamado de senhor dos akragantinos (*Θήρων ὁ Ακραγαντίνων δυνάστης*). O fato pode ser explicado pela semelhança no modus operandi de Ducécio ao longo de sua trajetória, muito similar à maneira dos tiranos. Outra parte da obra de Diodoro que aproxima Ducécio

de uma postura tirânica, é a ação do líder sículo após fundar a cidade de Kalé Akté, onde, segundo o próprio Diodoro (Biblioteca Histórica, XII, 29, 1), ele reclamou novamente a sua hegemonia perante os demais sículos (*αντεποιήσατο μὲν της των Σικελών ήγεμονίας*), mesmo tendo falecido pouco depois. Agostinetti (2012: 323), porém, vê na mudança dos termos uma tentativa de aplicar, para o líder sículo, aqueles títulos ou termos políticos mais próximos da realidade grega, ressaltando o grau de helenização de Ducécio. Seguindo essa linha, apesar de os termos serem diferentes e se apresentarem em momentos diferentes da vida de Ducécio, observa-se que não diferem em seu significado central de poder tirânico, uma vez que já haviam sido empregados para os tiranos gregos e analisando as ações do líder sículo; em suma, são termos diferentes com um mesmo sentido político.

Há também a possibilidade, segundo Jackman (2006), de Ducécio não ser um nome próprio, mas um título, parecido com o termo *dux*, do latim. Entretanto, conforme afirma Péré-Noguès (2012), dentro de todos os títulos utilizados por Diodoro, o papel militar é o principal desempenhado por Ducécio. De Vido (1997: 26) afirma que:

Assim como colocado por Diodoro, Ducécio vê-se acentuado daqueles traços de chefe e de general com evidente carga inovadora, que pode ter ligação com o paradigma constituído sobre as grandes figuras de grande habilidade estratégica e política que preencheram a história da Sicília grega (de Gélon até Agátocles), mas que em parte interpreta uma efetiva

sensibilidade militar que provavelmente caracterizou, definindo-as, as *élites* indígenas¹⁴.

Assim, pode se observar que junto ao aspecto militar típico dos líderes sículos, Ducécio é colocado como uma figura política do mesmo nível que os tiranos. Em relação ao uso de fontes, por parte de Diodoro, na história de Ducécio, ao contrário do que afirmou por Chisoli (1993), Péré-Noguès (2012: 166) aponta que a história de Ducécio fazia, no século I a.C, parte da memória coletiva dos gregos da Sicília e do local onde os eventos ocorreram. Assim, sendo Diodoro natural de Agírio, no interior da ilha, teria ele um conhecimento direto de uma tradição local dos acontecimentos. Ambaglio (2005: 83-84) reforça que, em muitos dos fatos narrados por Diodoro sobre a história da Sicília, o autor não teria utilizado fontes, mas seriam sobretudo memórias ou fatos vistos pelo próprio Diodoro, não excluindo, também, fortes traços de regionalismo do autor.

Considerações finais

Diante das questões discutidas e analisadas acima, é necessário retornar à pergunta inicial: A revolta de Ducécio é apresentada por Diodoro como sendo um projeto tirânico ou um movimento emancipatório? Com o cenário apresentado, vê-se que, na narrativa de Diodoro, é visível a falta de unidade do movimento sículo como na falta de adesão de Hibla na *synteleia*

¹⁴ “Così come tratteggiato da Diodoro, cioè, Ducezio vede accentuati quei tratti di capo e di generale dalla evidente carica innovativa, che può aver risentito del paradigma costruito sulle grandi figure dalle spiccate abilità strategiche e politiche che riempiono la storia della Sicilia greca (da Gelone ad Agatocle), ma che in parte interpreta una effettiva sensibilità militare che probabilmente caratterizzò, definendole, anche le élites indigene.” (DE VIDO, 1997: 26)

ou a tomada através da força de cidades como Morgantina, o que demonstra uma falta de unidade entre os sículos e que pode fazer crer que termos como “movimento nacional” ou “emancipatório” não condizem com exatidão à realidade dos sículos. Outro fator que demonstra a falta de unidade está relacionado à debandada dos sículos e dos apoiadores de Ducécio após a derrota em Nomai, onde se criou, inclusive, uma conspiração contra o líder, que fugiu para Siracusa. Há que se analisar, também, como Ducécio inicialmente foi aliado de Siracusa em suas primeiras ações, o que demonstra que o movimento sículo não era uma rebelião que visava uma ruptura completa com as colônias gregas, em especial Siracusa.

Percebe-se também, que uma das primeiras ações de Ducécio, aproveitando um momento de dificuldade interna das principais cidades gregas, como Siracusa e Akragas, foi reforçar e expandir sua cidade natal, Menai. Não obstante, para seguir seu projeto tirânico, o líder sículo fez uso de estratégias de poder dos tiranos gregos, como a fundação de cidades (tornando-se o oikistes), o uso de cultos religiosos como forma de poder e a redistribuição das terras. Por mais que, para definir a *synteleia* e sua composição étnica, Diodoro afirme que era formada por uma origem comum (*ὁμοεθνείζ*), isso não implica necessariamente num movimento emancipatório, uma vez que, como visto acima, tiranos como Hiéron também deram primazia à sua etnia (no caso os dórios fundadores de Siracusa) para obter maior apoio político.

Além disso, o fato de Ducécio ter retornado de seu exílio, levando consigo colonos, e fundando uma nova cidade, bem como o ato de reclamar novamente a sua hegemonia sobre os sículos, demonstra uma vontade de

retomar um processo interrompido após a derrota de Nomai e de ter novamente o poder político que havia perdido. Com a análise dos termos utilizados por Diodoro, vê-se também que a utilização de termos idênticos para definir a função política de tiranos gregos da Sicília, como Hiéron e Téron. Por fim, respondendo à pergunta do problema, vê-se que Ducécio teve um projeto político tirânico similar ao dos tiranos gregos.

Fontes Primárias

ANTIOCHI FRAGMENTA. Ex Italiae historia. In: MÜLLER, Carl; MÜLLER, Theodor (ed.). *Fragmenta Historicorum Graecorum*. New York: Cambridge University Press, 2010. v. 1, cap. 3, p. 181.

DIODORO SICULO. *Biblioteca Storica*: Volume Terzo (Libri IX-XIII). Tradução de Calogero Micciché. 2. ed. Milano: BUR Rizzoli, 2018.

TUCIDIDE. *Storie*. Tradução de Guido Donini. Torino: UTET Libreria, 2005. v. 2.

Referências Bibliográficas

ADAMESTEANU, Dinu. L'ellenizzazione della Sicilia ed il momento Ducezio. *Kokalos*, Palermo, v. 8, p. 167-198, 1962.

AGOSTINIANI, Luciano. Alfabetizzazione della Sicilia pregreca. *Aristonothos*: Scritti per il Mediterraneo antico, Trento, v. 4, 2012.

AGOSTINETTI, Anna Simonetti. Ducezio e il mito della polis. *Aristhonos*: Scritti per il Mediterraneo antico, Trento, v. 7, p. 321-333, 2012.

AMBAGLIO, Dino. Diodoro Siculo tra storia locale e storia indigena. *Atti del convegno di studi*, Caltanissetta, p. 81-86, 2005.

ASHERI, David. Sicily, 478-431 B.C. In: LEWIS, D. M.; BOARDMAN, John; DAVIES, J. K; OSTWALD, M. (ed.). *The Cambridge Ancient History: The Fifth Century B.C.* New York: Cambridge University Press, 1992. v. 5, cap. 7, p. 147-170.

BELLINO, Vincenzo. L'esercito di Ducezio. Guerra e influenze culturali durante il periodo della Synteleia. *Studi Classici e Orientali*, Pisa, v. 60, p. 53-71, 2014.

BONANNO, Daniela. La supplica di Ducezio ai Siracusani e l'associazione tyche-nemesis nella Biblioteca Storica di Diodoro Siculo. *Alleanze e parentele: Le "affinità elettive" nella storiografia sulla Sicilia Antica*⁷⁵, Palermo, p. 75-89, 2010.

CALTABIANO, Maria Caccamo. Identità e peculiarità dell'esperienza monetale siciliana. *Magna Grecia e Sicilia: Stato degli studi e prospettive di ricerca*, Messina, p. 295-311, 1996.

CHISOLI, Alberto. Diodoro e le vicende di Ducezio. *Aevum*, [s. l.], ano 67, p. 21-29, 1993.

DE VIDO, Stefania. I dinasti dei siculi: il caso di Archonides. *Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia dell'Università degli studi di Milano*, Milano, v. 50, p. 7-37, 1997.

DEL OLMO, Maria Cruz Cardete. Sicilia Sícula: la revuelta étnica de Ducetio (465-440 a.C). *Studia Historica*, [s. l.], p. 117-129, 2007.

DEL OLMO, Maria Cruz Cardete. Paisajes e imágenes de dependencia: deportaciones y repatriaciones en la Sicilia de los Dinoménidas. *Pelorias*, Messina, p. 47-56, 2008.

FINLEY, M.I. *Storia della Sicilia antica*. Tradução de Lucia Biocca Marghieri. Bari: Editori Laterza, 1985.

GIALLOMBARDO, Anna Maria Prestianni. Ducezio, l'oracolo e la fondazione di Kale Akte. *Atti del convegno di studi*, Caltanissetta, p. 135-145, 2005.

HORA, J. F. Ducetius: A sicilian oikista tyrant?. Perspectivas e Diálogos: *Revista de História Social e Práticas de Ensino*, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 151-159, 2018.

JACKMAN, Trinity. Ducetius and fifth-century Sicilian tyranny. In: LEWIS, Sian (ed.). *Ancient Tyranny*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006. cap. 3, p. 33-48.

KOSMETATOU, Elizabeth. Synoecism. In: ERSKINE, Andrew; HOLLANDER, David B.; PAPACONSTANTINOU, Arietta (ed.). *The Encyclopedia of Ancient History*. [S. l.]: Willey-Blackwell, 2012. v. 1, ISBN 9781405179355.

LA TORRE, G.F. *Sicilia e Magna Grecia*: Archeologia della colonizzazione greca d'Occidente. Bari: Editori Laterza, 2011.

LANGHER, Sebastiana Nerina Consolo. Espansionismo greco e rivendicazioni sicule: guerra e pace nei secoli VI e V a.C. *Atti del convegno di studi*, Caltanissetta, p. 103-107, 2005.

PÉRE-NOGUÈS, Sandra. Diodore de <<ethnos>> et de son héros Doukétios. 170, 2012. Sicile et les Sikèles: histoire et/ou mémoire d'un *Dialogues d'Histoire Ancienne*, [S. l.], v. 6, p. 155-170, 2012

TRIBULATO, Olga. Interferenza grafemica ed interferenza linguistica nella Sicilia antica. In: TRIBULATO, Olga; BAGLIONI, Daniele (org.). *Contatti di Lingue- Contatti di scritture*: Multilinguismo e multigrafismo dal Vicino Oriente Antico alla Cina contemporanea. Venezia: Edizioni Ca' Foscari, 2015.

Recebido em: 27/01/2022

Aceito em: 23/05/2022